

RESQUÍCIOS DA GUERRA X CONTEMPORANEIDADE

BRISCH, Mirian¹
CASAGRANDE, Suzana Ceccato²

RESUMO:

A presente análise visa compreender o conto: “O dia que explodiu Mabata-bata” de Mia Couto, considerando algumas representações feitas por ele. Uma narrativa que faz parte de sua vida como pessoa e personagem no interior da África, a fim de se desvencilhar dos conflitos da guerra, a análise que segue pretende explanar, recriar e superar impactos ocasionados pela guerra civil moçambicana do pós-independência. Para tal serão utilizados como plano de fundo autores que trarão voz para compreender os mecanismos utilizados para exprimir traumas da guerra com a própria linguagem elaborada por Couto na representação de um país tomado de confrontos internos que envolvem elementos como a realidade social, histórica e econômica moçambicana como também vozes, tempo e espaço. A partir do conto será possível o leitor perceber a realidade histórica e cultural dos povos que ali viveram e ainda vivem.

PALAVRAS-CHAVE: “O dia que explodiu Mabata-bata”, reflexões, pós-colonialista, marginalizadas.

WAR REMNANTS VS. CONTEMPORANEITY

ABSTRACT:

This analysis aims to comprehend the short story: “The day that Mabata-bata exploded” by Mia Couto considering some representations made by him. It's a narrative that is intertwined with his life as a person and a character within Africa, aiming to disentangle itself from the conflicts of war. The following analysis intends to explain, recreate, and overcome the impacts caused by the Mozambican civil war post-independence. To achieve this, authors will be used as a backdrop to provide insight into the mechanisms used to express the traumas of war through the language crafted by Couto in representing a country filled with internal conflicts, which involve elements such as Mozambique's social, historical, and economic reality as well as voices, time, and space. Through the story, readers will be able to perceive the historical and cultural reality of the people that all have lived and continue to live.

KEYWORDS: “The Day Mabata-bata Exploded,” reflections, post-colonial, marginalized.

1 INTRODUÇÃO

A literatura pós-colonial africana tem sido enriquecida por diversas vozes que buscam redefinir, revitalizar e contextualizar a identidade cultural do continente após séculos de dominação colonial. As contribuições do renomado escritor moçambicano Mia Couto emergem como um catalisador fundamental na reconstrução da cultura

¹Academica do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz. Mbsilva10@minhafag.edu.br

²Doutorado em Letras, pela Universidade do Oeste do Paraná UNIOESTE, professora do curso de graduação em Letras, Centro Universitário Assis Gurgacz E-mail: suzana.ceccato@gmail.com

africana. A partir da sua prosa poética e narrativas profundas, o autor transcende os limites das palavras, explorando as raízes históricas, a rica diversidade cultural e a complexidade das experiências humanas pós-coloniais. Suas obras não apenas resgatam tradições e idiomas esquecidos, mas também revelam as feridas abertas pelo colonialismo e oferecem uma perspectiva inovadora sobre o que significa ser africano.

Esse artigo explora as maneiras pelas quais Mia Couto, por meio das suas histórias labirínticas e símbolos evocativos, se tornam uma voz influente na redefinição da cultura africana no período pós-colonial, revitalizando a herança cultural e construindo pontes entre passado, presente e futuro. Nesse contexto, percebe-se a necessidade de problematizar como a literatura de Mia Couto aborda e dialoga com os desafios contemporâneos da África pós-colonial, como questões socioeconômicas, políticas e ambientais, bem como suas narrativas oferecem insights e reflexões para lidar com esses problemas no contexto atual.

A justificativa histórica social para a relevância da obra de Mia Couto na África pós-colonial reside no contexto complexo de desafios e transformações enfrentados pelo continente após séculos de dominação colonial. Apoiado em sua obra poética e narrativas profundas, Couto lança luz sobre diversas dimensões dessa realidade, oferecendo resiliência e a capacidade de adaptação das comunidades diante de desafios contemporâneos. Suas contribuições mergulham nas experiências de pessoas comuns, refletindo as vidas afetadas pela marginalização, pobreza e migração. Os temas explorados pelo autor convidam a sociedade a conhecer a diversidade e complexidade das experiências africanas.

O presente trabalho visa explorar as contribuições desse renomado escritor moçambicano, na reconstrução da cultura africana no período pós-colonial. Por meio de uma análise profunda de sua obra literária, buscou-se desvendar as múltiplas camadas de significado presentes em sua narrativa poética e como ela oferece percepções para compreender os desafios e dilemas que permeiam as sociedades africanas atuais. Dessa maneira, almeja-se contribuir para um entendimento mais abrangente do impacto duradouro que a literatura de Couto exerce na formação da identidade pós-colonial africana e no diálogo sobre as questões que moldam o continente.

Por conseguinte, o objetivo geral desse artigo é analisar as contribuições da obra literária de Mia Couto na reconstrução da cultura africana no contexto pós-

colonialista, ao explorar como sua narrativa poética oferece compreensões para enfrentar os desafios contemporâneos. Os objetivos específicos baseiam-se em analisar as técnicas literárias utilizadas pelo autor, como o simbolismo e metáforas, para transmitir suas mensagens e reflexões sobre a cultura africana, como também investigar a forma que suas obras resgatam tradições culturais moçambicanas e africanas, dando voz às narrativas esquecidas ou marginalizadas das sociedades pós-coloniais, enfrentando dilemas sociais, políticos e econômicos.

2 EXPLORAÇÃO E CONSEQUÊNCIA: REALIDADE HISTÓRICA DO CONTO

O conto em análise faz parte de uma coletânea: "Vozes anoitecidas", escrita na década de 80, na qual é enaltecida a capacidade promissora do autor moçambicano Mia Couto.

Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. [...] sou um homem obedito aos mandos [...] sou um obeditado. Quando escrevo olho a frase como se ela estivesse de balalaica, respeitosa. É uma escrita disciplinada: levanta-se para tomar a palavra, no início das orações. Maiusculiza-se deferente. E, em cada pausa, se ajoelha nas vírgulas. Nunca ponho três pontos que é para não pecar de insinuação. Escrita assim, penteada e engomada, nem sexo tem. Agora acusar-me de inventário, isso é que não. Porque sei muito bem o perigo da imagináutica (Couto, 1998, p. 163).

Assim sendo, ao analisar o conto "O dia que explodiu Mabata-bata", que narra um acidente, todo o seu enredo encontra-se voltado para as condições sociais da guerra civil, a crueldade e os gatilhos psicológicos do personagem principal como também a crueldade do trabalho infantil e a evasão escolar.

Logo, toda noção de tempo e espaço surge a partir da frase: "De repente o boi explodiu" (Couto, 2013, p. 11). A partir desse trecho, para o leitor está mais do que claro a noção de tempo, que surge a partir dessa fatalidade. Segundo Reute, a construção do tempo no texto contribui para a noção realista da obra: "Quanto mais precisa elas forem, em harmonia com aquelas que reagem ao nosso universo, mais remeterão a um saber" (Reuter, 2007, p. 56-57). Neste conto em específico, não é possível ao leitor saber o indicativo de tempo, hora, dia, mês ou ano, pois o menino Azarias foi pego de surpresa por uma fatalidade.

A mina explodiu e confirma que a "terra" é assunto assíduo na obra do autor. Nessa perspectiva, "Não é sem razão que isso se dá, uma vez que o escritor, tendo

participado como jornalista da última fase das lutas contra o colonizador português, viveu longos períodos de guerras civis” (Fonseca; Cury, 2008, p.37).

Seguindo o conto, o narrador emerge as características figuradas que, mesmo diante de uma situação terrível, compõem aspectos metafóricos. Ao ler o trecho: “Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grãos e folhas de boi. As carnes eram já borboletas vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas” (Couto, 2013, p. 11), observa-se a construção de linguagem figurada com destaque às concepções metafóricas, ao comparar pedaços de boi como a chuva e borboletas vermelhas, enquanto os ossos são como moedas. Desse modo, enriquece a obra nos seus aspectos retóricos, metafóricos e estilísticos.

Mia Couto usa diversas opções para inovar e recriar a escrita, ou seja, utiliza novos vocábulos, que são cheios de neologismo e informações que não agradam entidades com padrões já pré-determinados. Por causa disso, o autor recebeu ordens para não utilizar palavras novas.

Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. [...] sou um homem obeditoso aos mandos [...] sou um obeditado. Quando escrevo olho a frase como se ela estivesse de balalaica, respeitosa. É uma escrita disciplinada: levanta-se para tomar a palavra, no início das orações. Maiusculiza-se deferente. E, em cada pausa, se ajoelha nas vírgulas. Nunca ponho três pontos que é para não pecar de insinuência. Escrita assim, penteada e engomada, nem sexo tem. Agora acusar-me de inventeiro, isso é que não. Porque sei muito bem o perigo da imagináutica (Couto, 1998, p. 163).

Assim, faz-se necessário salientar o uso do discurso narrativo com o olhar voltado para a estética literária, isto é, para exploração das figuras de linguagem. Ao substituir pedaços de boi como borboletas, usa-se eufemismo no sentido de abrandar os aspectos trágicos da morte do boi.

Aliado à linguagem e à construção imaginativa, Mia Couto retrata e resgata a cultura moçambicana, mergulha e evidencia as raízes do país. As carências que mantem viva as necessidades moçambicanas:

Porque o idioma estabelece o meu território preferencial de mestiçagem, o lugar de reinvenção de mim. Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer em tecido africano e só o sei fazer usando panos e linhas europeias. O gesto de bordar me ensina que estou inventando uma outra ordem e nessa ordem esses valores iniciais de nacionalidade já pouco importam (COUTO, 1997, p. 59).

Para Elena Brugioni, “[...] numa leitura de cunho linguístico dir-se-ia que Mia Couto considera aceitável qualquer tipo de transformação linguística em função da expressividade da palavra e, obviamente, da comunicação” (Brugioni, 2012, p. 67). Assim,

[...] o universo textual coutiano torna-se um espaço todo de significados e de combinações edificadas através da amálgama entre registos linguísticos diferentes e diferenciados e que, neste sentido, aponta de imediato para um indiscutível multilinguismo intrínseco e subjacente à língua portuguesa da escrita de Mia Couto (Brugioni, 2012, p. 69).

No segundo parágrafo do conto em análise, o leitor é apresentado ao personagem Azarias. Trata-se de um menino negro e pobre que trabalha como pastor de bois e vacas, como consta em; "O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor" (Couto, 2013, p.11). Segundo Reuter, os personagens são essenciais no estruturamento dos fatos narrados, já que “eles permitem ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-se e lhes dão sentido” (Reuter, 2007, p.41). Nesse sentido, percebe-se que o garoto está ligado ao boi, dando sentido a primeira cena do conto, relatado que ele o admirava.

O Boi Maba-Bata era um boi enorme e o mais valioso para seu tio. A fatalidade do menino inicia-se quando, um dia após levantar-se muito cedo e ir aos seus afazeres diários, o boi de extrema valia é atingido por uma explosão de uma mina em que chamado pelo menino de “ndlati”, ave do relâmpago, de acordo com o conto, "a morada de 'ndlati' era ali onde se juntam os rios para nascerem da mesma vontade da água” (Couto, 2013, p. 42).

Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão. Despegava antes da luz para que os bois comessem o cacimbo das primeiras horas (Couto, 2013, p. 11).

Desse modo, o garoto relaciona a explosão do boi ao misticismo e à fé, assim sendo uma formação de libertação e, muitas vezes, como uma forma de esperança ser pouco menos desigual. Isso é pulsante no menino, um dia poder frequentar a escola, Azarias testemunha a negação do seu direito de estar ao lado de crianças iguais a ele. Neste trecho fica muito claro a exploração ao trabalho infantil, já que o menino levanta cedo, antes do sol raiar todos os dias, para cuidar dos bois do tio.

O autor descreve o personagem Azarias como um menino órfão, cuja função era cuidar dos bois da fazenda dia após dia, visto que era desprovido de outros atributos e não lhe cabia mais nada, nesse contexto, percebe-se que o tio utiliza desse artifício para tirar proveito da situação, dessa maneira torna-se seu dono. Por conseguinte, o garoto não recebia nenhuma quantia pelo trabalho, sendo assim as suas perspectivas de vida eram nulas. Por isso ele não frequentava escola e não tinha maiores instruções, mesmo que o seu maior sonho fosse justamente estudar, mesmo que isso estivesse distante de sua realidade.

Nesse cenário, Azarias já temia o pior: “O medo escorregou dos olhos do pequeno pastor” (Couto, 2013, p. 42), visto que para ele seria uma tortura ser interpelado pelo tio, ou seja, poderia ser atingido a qualquer momento por essa situação. Isso demonstra a natureza submissa do personagem, tendo em vista que igualmente seus antepassados, no processo de colonização, já demonstravam tal comportamento. Dessa forma, a simbologia presente é caracterizada pela escrita do autor Mia Couto, segundo Abdala Júnior (2012, p. 32), “nas mitologias do homem do campo de Moçambique, há ecos do realismo mágico latino-americano (agenciamentos culturais entre as Américas), África e Europa”.

Constatasse que particularidades trágicas que se constroem a partir dessas situações, fazem que Azarias veja nas promessas do tio a esperança de ver seu sonho realizado, sendo assim sua vontade ganhava forma, tornando a jura do tio uma realidade. Para o menino a escola era a salvação, mesmo esse sabendo que era algo difícil de ser alcançado e por isso que deduz não haver saída para ele.

Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com animais, nadar o rio na boleia do rabo de Mabata-bata, apostar brigas do mais forte (Couto, 2013, p. 43).

Nesse cenário era como se determinados povos não existissem ou ainda fossem ocultos aos grandes homens do poder, a partir disso, podemos analisar que a promessa feita pelo tio a Azarias é duvidosa, pois ele não o via como um ser humano ou ainda como alguém promissor, muito pelo contrário, o menino tinha uma vida de submissão contínua. Fica claro, no conto, que o “ter” é mais importante que o “ser” para a população em questão, no entendimento do tio, Azarias não necessitava sonhar com um futuro diferente, visto que seu futuro já estava fadado continuamente

para a servidão. Isso é reforçado no trecho: “Este, da maneira que vive misturado com a criação, há de se casar com uma vaca” (Couto, 2013, p. 43), ou seja, condenado, sem direito a sonhar.

Nessa circunstância, o tio e os demais personagens encontrados no texto não se preocupam com o menino, por isso é assustador que ninguém iria estruturar nada para mudar ou ainda melhorar a situação de vida do garoto. Isso é comprovado no trecho: “Todos riam sem querer saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados” (Couto, 2013 p. 43), assim se reforça estigmas dos antepassados ao que se refere à dominado e dominante.

Azarias buscava uma fuga, que naquele momento seria uma saída traduzida em tristeza, como é narrado em: “partiu na direção do rio, escondeu-se atrás de uma moita e ali discorre a tragédia toda. A avó pede que o menino saia da moita pois o perigo ali é eminente, o local é arenoso, cheio de minas escondidas e próximo ao rio. A Avó também o lembra da promessa feita anteriormente. Sentia que não fugia: apenas iria começar seu caminho” (Couto, 2013, p.43).

Nesse contexto, a travessia dava lugar a dois espaços: de sofrimento e de esperança, do mesmo modo que era uma tentativa do garoto de buscar uma saída. Ele não sabia o que encontraria no caminho, mas para ele isso era aventurar-se, como aponta o trecho: “Na outra margem parou a espera, nem sabia do que” (Couto, 2013 p.43), isso demonstra uma constante luta com seu eu interior, aventurar-se ou manter-se ali parado no mesmo lugar de sempre.

Assim, de modo figurado, o sair da moita remete a possibilidade do menino poder frequentar a escola, enquanto o rio representa a sua liberdade. Todavia, o conto relata que “o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento” (Couto, 2013, p.16). Logo, a fatalidade é uma remissão, um livramento do menino Azarias para com o tio. Nessa lógica, pode-se afirmar que Azarias representa a figura da realidade histórica, pois existem “impregnações ideológicas do processo de colonização no cotidiano que atualiza estruturalmente determinados mecanismos de pensamento e ação” (Abdala Júnior, 2012, p.43).

Assim, o tio já afirmava em seus discursos uma promessa que havia sido feita para o Azarias, mas essa não se concretiza, visto que sua intenção era ter o controle sobre o menino, postura que já o precedia. Comprovado a partir da narrativa: “Esse malandro vai apanhar muito bem quando chegar. Esse sacana do Azarias onde foi? E

os outros bois andariam espalhados por aí?” (Couto, 2013, p.44), desse modo, o menino morava em um ambiente que a qualquer momento explodiria.

Nesse momento, a avó do menino entra em cena com a missão de conduzir os papéis, ou seja, preparar e reorganizar o discurso entre tio e sobrinho. No entanto, fica implícito na narrativa que a intenção dela não era de ajudar o neto, mas sim fazê-lo aceitar as condições impostas e que ele acreditasse que as intenções do tio eram as melhores possíveis, assim nasce uma tolerância da marginalização.

No conto, o tio, no primeiro momento, coloca-se com tom de superioridade, porém percebe que isso não adiantaria e acaba baixando a guarda, dessa forma, ele convence o garoto a explicar o ocorrido chantageando-o com a promessa: “Apareça lá; não tenhas medo. Não vou bater, ia matar - lhe dê porradas, quando acabasse de juntar os bois” (Couto, 2013, p. 45).

Nesse momento a avó entra na conversa e ajuda o tio para que Azarias acredite na promessa, dessa forma, ela acaba acalmando a situação. Nesse sentido fica claro a administração da situação, conforme o trecho: “O Azarias vai negar de ouvir quando chamares. A mim, não há de ouvir. Aplicou de confiança chamando o pastor” (Couto, 2013, p. 45). Perante essa situação, o menino sente medo do tio, dizendo-lhe que não quer ir e que fugiria, porém percebe que não tem saída, no fundo sabia que voltando para casa as coisas não seriam diferentes. O tio ainda afirmava: “Esse gajo vai voltar nem que eu lhe chamboqueie até partir-se dos bocados” (Couto, 2013, p. 45), o que comprova que a intenção sempre era somente puni-lo.

Por outro lado, o que ainda havia era um resquício de esperança no acordo feito entre eles, o que gera esperança para o menino continuar seguindo diariamente. Assim, a expectativa do menino era conseguir se desvencilhar da punição, ser tratado como os outros e poder ir à escola, por isso o trato fazia com que Azarias seguisse com seus afazeres de pastor na condição ainda de sujeição e calvário.

O cenário era “O céu estava liso, azul sem mancha” (Couto, 2013, p.11), e a avó estava aflita à espera do tio de Azarias na porta de casa, pois o menino não havia chegado com os bois. Mais tarde, soldados batem na porta, nesse momento, o menino olha profundamente nos olhos da avó e, em seguida, abre a porta: “O pequeno pastor saiu da sombra e correu o real onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia meio-dia da noite” (Couto, 2013, p. 16). Nesse momento, o pássaro (ndlati) desceu e os dois se abraçaram. Nesse trecho a ambiguidade se confirma, pois

o clarão pode ser interpretado como uma mina que explode ou pelo pássaro de fogo que desceu para buscar o garoto.

3 TRAGÉDIA X EXPECTATIVA

Nessa obra evidência como a promessa de alguém pode adquirir o maior poder, visto que Azarias não quer apenas um acordo do tio, mas sim um pacto que possa consolar seu sofrimento, mesmo que ele ainda precise cuidar dos bois da fazenda. A força da palavra ainda é para o menino a única saída para o livre-arbítrio, para assim fugir da própria vida que ali vive.

Sendo assim, Azarias perante a promessa feita pelo tio, sente a necessidade de cumprir sua parte, mesmo que inocentemente ou ainda que por necessidade acredite que o tio cumpriria a sua parte do acordo.

Na contemporaneidade, a promessa desloca-se para um fim fatídico quando sua efetivação é a “morte” do devedor ou no caso de Azarias que espera um resquício de esperança. O menino acredita em um futuro sem libertação, tornando-o assim algo contínuo, o viver trágico durante a trajetória, sendo assim agarra-se no divino, um acalento para seu sofrimento. Quando se mudam as promessas, as moedas de troca ficam difíceis para pagar a dívida feita, isso de ambas as partes.

Assim, ao reconhecer o processo de realidade começa-se a enxergar oportunidades para quebrar laços de dependência e progredir em direção a libertação das influências externas. Caminho esse repleto de dificuldades, já que as repercussões da colonização ainda são palpáveis em nosso cotidiano. Esse aspecto trágico pode se manifestar na busca de recuperar o que foi perdido e na necessidade cada vez maior de construir novos valores.

Em consequência disso, Azarias representa a promessa que não foi cumprida, isso nas situações diversas no processo de interlocução em um mundo rodeado de falsos pactos, visto que espera-se o cumprimento de quem proferiu as palavras. Desse modo, observa-se a falta de diálogo com o que é diferente e uma total desconsideração das influências do processo de miscigenação.

Conforme a obra “O dia que explodiu Mabata-bata” utiliza um discurso de poder, que acontece no decorrer da narrativa, na medida em que a promessa se apresenta na luta pela efetivação. Nesse contexto, Azarias é o contraponto, ou seja, uma forma de combate para as ideias imperialistas.

Mia Couto com o personagem do menino sonhador que vive em determinado espaço, mas que não se encontra espiritualmente nele, pois sonha e acredita que tudo pode mudar. Por meio de Azarias o autor faz uma comparação das várias identidades existentes.

Ainda nessa perspectiva, Mia Couto discute as relações entre dominante e dominado, ao suscitar questões que representam lugares e situações diferentes, mas que remetem a outras situações que ecoam, ou seja, a obra não como promessa isolada, mas que nos permite pensar em outras e em diferentes lugares. Desse modo, essa obra simboliza também outros territórios e outras realidades, isto é, estabelece redes de comunicação.

O autor replica uma refutação ao processo de colonização, principalmente ao pós-colonialismo no cenário de Moçambique. Abdala Júnior, ao avaliar os romances de Graciliano Ramos, descreve problemáticas de vários atores sociais.

Que eles se organizam em torno da aspiração do escritor por associar ficção a um processo histórico mais amplo. Sua aspiração pode ser situada como uma inclinação de sua potencialidade subjetiva, uma possibilidade que procura configurar como objetiva, um impulso que se projeta em seus horizontes de expectativas. O processo histórico em que se manifesta o sujeito, como se depreendem do conjunto de sua obra, vincula-se a uma práxis social que escapa às determinações individuais, mas também pode ser visto como uma rede supraindividual, que tem suas malhas definidas por múltiplos campos de conhecimento e circunscrições de práticas sociais. Não procura o escritor um sentido de totalidade enquanto um sistema fechado, mas como conglomerados de tensas redes de articulações mais gerais. Do individual ao social, redes e processos em interações associadas a contextos situacionais, em que configurações relações hegemônicas se debatem com tendências contra-hegemônicas. (Abdala Júnior, 2012, p.125-126).

Esses aspectos também podem ser visualizados na obra de Mia Couto. Em que o meio, as situações e principalmente as relações de poder, consequentemente a modernidade, conduzem os povos a ficarem alienados e como resultante não percebem os mecanismos que camuflam, muitas vezes, a realidade que atenua violentamente as condições do sujeito. Desse modo, o capitalismo que está atrelado ao mundo moderno transforma as sociedades fazendo com que fiquem sem perspectiva e principalmente sem encontrar uma saída para se desvencilhar de situações de subalternidade e sendo assim reprime o cada vez mais suas vozes. As falhas provocadas por não haver diálogo entre os homens fazem com que esses menosprezem as suas diferenças e principalmente suas experiências, consequentemente, assim o que poderia uni-los acaba distanciando os seres

humanos. Em decorrência disso surgem os afastamentos entre os grupos sociais que são inevitáveis, causando barreiras e dificuldades ao convívio entre os povos.

4 OBSTÁCULOS E PROMESSA NÃO CUMPRIDA

Na narrativa existem obstáculos, mas ainda há lugar para os acordos e promessas que o tio lhe fazia. São inúmeras as mediações feitas que concedem meios para uma solução mais branda para toda a problemática. No conto, a presença da avó é no sentido de pacificar e mediar a situação a favor do tio, conforme trecho: “cala-te Raul, na tua vida nem sabes de miséria. [...] [Ao neto]: Anda meu filho, só vens comigo. Não tem culpa do boi que morre. Anda a ajudar teu tio juntar os animais” (Couto, 2013, p.45).

Nesse momento fica claro a submissão do neto e novamente a exploração do tio, pois era necessário ter o controle sobre Azarias. E assim a avó faz novas garantias, ao dizer que o velho está satisfeito, de modo que a promessa feita anteriormente toma forma novamente.

O juramento feito pelo tio para com o menino é a saída que mudaria toda sua história, porém Azarias não passava de um objeto. E por esse motivo a promessa poderia ser quebrada sem muitos aborrecimentos, visto que o tio não via outra maneira resolveu prometer:

Raul (o tio) achou melhor concordar com tudo naquele momento. Depois, emendaria as ilusões do rapaz e voltariam às obrigações do serviço das pastagens, por um momento acreditou que o menino estaria com os bois, com ele (Couto, 2013, p. 46).

Dessa forma, o tio faz o que lhe convém para satisfazer suas necessidades naquele momento. Nesse contexto, a avó já se anunciava vitoriosa, pois seu objetivo era conquistar o menino, isso de pronto já havia sido confirmado. Ela então relembra para o neto as promessas do tio, ao afirmar que ele poderia escolher seu prêmio. “O tio está muito satisfeito. Escolhe. Há de respeitar o seu pedido” (Couto, 2013, p.46). Desse modo, o tio se vale desses manejos para intimidar o menino e mexer com seus desejos, como a vontade dele de ir à escola.

No contexto da narrativa, o menino não entendia o que havia acontecido ao boi Mabata-bata, porém como de costume já se desculpava por situações que ocorriam

rotineiramente, resolve fugir ao invés de ser culpado. Porque ele já sabia que não teria como explicar tamanha perversidade, assim opta em se desvencilhar, ao tentar fugir e refazer sua vida em outro lugar, distante dali.

Contudo, ao ouvir novamente a voz da avó, confunde-a com ndlati, a ave do relâmpago, o chamando. De pronto percebe que não era nada disso e de subido tem a sensação do mundo se abrindo: “Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo se fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos” (Couto, 2013, p.47).

Nesse momento vem em seu pensamento a escola, que o possibilitaria sair desse mundo de enclausuramento, já que o estudo era a única forma que o faria avançar, a luz no final do túnel, representando assim a tentativa de ruptura. No entanto, o sentimento de fracasso era maior, impedindo-o de continuar. Por outro lado, o conto revela que as fantasias são necessárias para não ficarmos submetidos ao que nos impede de sair de situações que são impostas diariamente.

Portanto, somos examinados e postos a prova, de forma que nosso eu interior nos leva e compactuar com o que já está posto. Sendo assim assume-se uma situação trágica, pois não confrontamos com as adversidades, e assim assumimos o papel de denominador. Logo, a obra remete a um fim fatídico, ressalta que atualmente esse cenário se repete, um futuro sem luz, o que torna essa uma realidade rotineira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “O dia que explodiu Mabata-bata” de Mia Couto nos faz meditar e analisar a todo momento as relações de poder na contemporaneidade. Relações essas que podem alienar pessoas e ocultar realidades, que atenuam fatalmente a condição do sujeito. E apontam que o capitalismo faz com que pessoas não consigam sair de situações de submissão, pois elas encontram-se tão presas aos processos que não se dão conta das situações em determinadas esferas. Essas pessoas estão vinculadas a um mundo que as consomem, do qual elas não conseguem se desvencilhar, assim não percebem a realidade que lhes é apresentada. Do mesmo modo que Azarias é descrito como um personagem que se vê enclausurado e sem perspectiva para o futuro.

Nesse contexto, a promessa do tio de que o menino vá para a escola, faz com ele passe a avistar, mesmo que ainda longe, uma saída. No entanto, isso não acontece e fica só nos planos de Azarias. O conto remete a algo metafórico: a escola, a explosão da mina chamada de “ndlati”, ambas significam a liberdade, novos panoramas salvação para com a ignorância. Ainda nessa perspectiva, a promessa que não foi cumprida remete a tudo que foi tirado e negado ao povo moçambicano no processo histórico pós-independência. Assim, Azarias sinaliza o rompimento das ideias de subordinação ao colonizador versus o colonizado, constitui assim uma metáfora como um desejo ou sonho de vários Azarias que acabam muitas vezes malogrados.

Há ainda o processo de desumanização na narrativa, em que a criança é humilhada e o boi Mabata-Bata é colocado como uma agente deflagrador de acontecimentos, que viram moeda de troca e podem libertar o menino. Assim, a decisão na qual os fatos discorrem é confiada ao boi Mabata-bata, por meio do qual inicia um encadeamento de humanização.

Nesse sentido, há uma crítica social aos fatos contraditórios de erros humanos que perante a história da humanidade proferiram resultados como: guerras, genocídios, atentados terroristas, exploração a partir de trabalho escravo e tantos outros, em que os homens exploram ou ainda destroem seus familiares. Por fim, é possível denunciar um caráter poético, ao observar a poética paradoxal descrição do boi Mabata-bata, que evidencia que a arte pode sensibilizar o leitor, e, consequentemente, pode impulsioná-lo a refletir e mudar a sua realidade. Nesse sentido, a literatura tem seu papel crucial em auxiliar e enriquecer a humanização do ser humano.

Além da crítica social que envolve todo o conto, observa-se a magia que cativa e encanta o ser humano, na conversa bovina descrita na narrativa que envolve Azarias e a explosão de um boi.

Portanto, o conto: “O dia que explodiu Mabata-bata” de Mia Couto relata os efeitos da guerra e as mazelas recorrentes no povo moçambicano. Nessa perspectiva, o autor explicita, em sua proposta literária, um lugar periférico de sua enunciação, construída a partir das vivências do povo moçambicano.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. **Literatura Comparada e Relações Comunitárias Hoje**. São Paulo: Ateliê, 2012.

BRUGIONI, E. Mia Couto: **representação, história(s) e pós-colonialidade**. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2012.

COUTO, M. **O gato**. Jornal de Letras, Artes e Ideias, Lisboa, p. 59, 8 out. 1997.

COUTO, M. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1998

COUTO, Mia. O dia em que explodiu Mabata-Bata. In: _____. **Vozes anoitecidas: Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. 5. ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FONSECA, Maria Nazareth Soares & CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

LABAN, M. **Encontro com Mia Couto**. In: LABAN, M. Moçambique: encontro com escritores. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998. v.3, p. 995-1040.

REUTER, Yves. **A Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Tradução de Mário Pontes. 2 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2007.